

Pax Iulia: A cidade romana de Beja em período romano-republicano

Recebido: 7 de Outubro de 2024 / Aprovado: 31 de Outubro de 2024

https://doi.org/10.14195/2182-844X_10_11

Maria da Conceição Lopes¹

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património –
Universidade de Coimbra

RESUMO

Em linhas gerais, com base nos dados arqueológicos recolhidos no centro da cidade de Beja, na área do Conservatório Regional de Música do Baixo Alentejo, é hoje possível acompanhar o processo dinâmico do tecido urbano ocorrido na cidade de Beja e seguir com algum detalhe o processo de fábrica urbana. Ultrapassada que está a questão da ocupação pré-romana de Beja, a avaliação coordenada de materialidades e estratigrafia arqueológica com morfologia urbana, documentos e cartografia histórica, permite aferir os processos transperiódicos e transculturais que enformam o processo de construção da cidade de Beja na longa duração. Mesmo não sendo ainda muito abundantes os testemunhos, aqueles que hoje analisamos têm suficiente espessura para introduzir a análise da dinâmica socio-espacial que ocorre em Beja, em meados do século I a. C. Adoptando uma metodologia particularmente atenta à articulação entre permanência e mudança da forma urbana, a nossa abordagem arqueogeográfica convocou o busto de Cesar identificado em Beja como elemento integrado de entendimento da vida urbana em Pax Iulia.

RÉSUMÉ:

D'une manière générale, sur la base des données archéologiques recueillies dans le centre-ville de Béja, dans la zone du Conservatório Regional de Música do Baixo Alentejo, il est désormais possible de suivre le processus dynamique du tissu urbain qui s'est déroulé dans la ville de Béja et de suivre de manière assez détaillée le processus de fabrique urbaine de la ville. Déjà dépassée la question de l'occupation préromaine de Béja, l'évaluation coordonnée du matériel archéologique et de la stratigraphie avec la morphologie urbaine, les documents et la cartographie historique nous sommes en conditions de analyser les processus transpériodiques et transculturels qui ont façonné de construction de la ville de Béja dans le longue durée. Même si les témoignages sont encore peu abondants, ceux que nous analysons ici nous permettent d'introduire la dynamique socio-spatiales que nous observons à Béja au milieu du Ier siècle avant notre ère.

Adoptant une méthodologie particulièrement attentive à l'articulation entre permanence et changement de la forme urbaine, notre approche archéogéographique a permis d'impliquer le buste de César identifié à Béja comme un élément intégré pour la compréhension de la vie urbaine de *Pax Iulia*.

1 ORCID iD: 0000-0003-4489-8601; conlopes@ci.uc.pt

Não sabemos que nome teria o aglomerado quando os Romanos firmaram o topónimo *Pax Iulia*; todavia, apesar dos trabalhos que apontam para Medellin, em Espanha, a localização de *Conistorgis*⁴, não desistimos de considerar ser possível que fosse aqui a capital dos *Conii*.

Os trabalhos arqueológicos realizados no centro da cidade, pela equipa do projecto Arqueologia das cidades de Beja, do CEAACP, da Universidade de Coimbra, permitiram analisar contextos e revelar edifícios mostrando, finalmente, que, apesar da dificuldade, que é possível argumentar sobre a dinâmica de evolução da cidade na longa duração e entender as distintas estratégias empreendidas no processo de fábrica urbana, que teceu e conformou a malha da cidade actual.

Ao contrário do que a historiografia afirmava, sustentada na informação de Estrabão, de que *Pax Iulia* teria sido a colónia fundada ao mesmo tempo que *Emerita Augusta* e *Caesaraugusta*, a arqueologia informa que a origem da cidade romana em Beja foi anterior ao reinado de Augusto. Confirmado está que a instalação das primeiras infraestruturas que haveriam de transformar o antigo *oppidum* numa capital de *civitas* remontam aos tempos do governo de Júlio César na província da Ulterior, em 61 a. C.

A ocupação do planalto de Beja na Idade do Ferro é firmemente atestada por cerâmicas e estruturas construídas, de que se destaca a muralha,⁵ um edifício e materiais cerâmicos. Cerâmicas recolhidas em escavação recente no logradouro do Conservatório Regional do Baixo Alentejo, datadas de meados/ terceiro quartel do 3º milénio AC (c. 2600-2200 AC), apontam para que se recue a data da ocupação, pese embora até ao presente se conhecerem apenas raros fragmentos, entre eles um de cerâmica campaniforme decorada.

No ponto mais proeminente da cidade de Beja, destaca-se o edifício orientado SE/NO, de 15,30 m de largura, medida no topo nordeste e, aparentemente, 18,3 m de comprimento. Construído sob forte alicerce de pedra (gabros e dioritos da região) de média e grande dimensão, sem qualquer ligante, separadas em fiadas por finas e discretas camadas de placas de xisto colocadas na horizontal. (Figura 2 A). Do que se escavou deste edifício foi possível identificar uma cabeceira tripartida, definida por dois “compartimentos” rectangulares de 3,48 m por 1,10 m, enquadrando um espaço central aberto que se prolonga para sudoeste. As recentes escavações apuraram, num ponto onde as fundações se conservam em 2,5 metros de altura, que a fundação deste edifício se deve situar entre o final do séc. V e a primeira metade do séc. IV a. C., com evidentes obras de manutenção entre o final do séc. II e o início do séc I a. C.

No quadro da apropriação do território e da implantação de estruturas de capitalidade que que Roma implementará na região, o povoado indígena assume uma expressiva e inovadora morfologia e, como já antes afirmámos, *lícito se torna concluir que, se, por um lado, a instalação da civitas corresponde a uma nova ordem político-económica, por outro lado, essa instalação não elimina formas de coexistência com o elemento anterior. Uma simbiose que, pela sua inerente complexidade, não deixará de produzir uma singular forma de organização e um peculiar processo de transformação, apenas abarcáveis, do ponto de vista arqueológico, a partir de uma base material dotada de uma ampla espessura informativa.* [LOPES, 2003, 268].

No recinto sagrado do aglomerado antigo, em posição paralela ao antigo templo de pedra, de modo a criar um cenário de monumentalida-

4 ALARCÃO, Jorge de 2001: “Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4/2, p. 335-338; ALMAGRO-GORBEA, M. (2008): “Medellín-Conisturgis: Reinterpretación Geográfica del Suroeste de Iberia”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 126, nº 1-12, p. 1003-1009.

5 GRILLO, Carolina (2008): “A Rua do Sembrano e a ocupação pré-romana de Beja”, *Actas do III Congresso de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, Novembro de 2007*, p. 261-268. Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel / Universidad de Huelva.

de, será construído um equipamento hidráulico composto por um tanque de 14,90 m de comprimento, 7,80 m de largura e 2,50 m de altura rematado na fachada SE por dois tanques quadrados, um parcialmente destruído e deslocado e outro, intacto, mas revirado por colapso da estrutura de sustentação, medindo 2,65 X 2,95 e 1,10 m de profundidade interna. (Figura 2 B e C)

O tanque/reservatório, que poderia recolher até 163,296 m³ de água, tinha 2,40 m de profundidade. Um canal, situado no fundo e ao centro da parede noroeste, ligava com uma canalização que segue orientada para noroeste sob o casario, cujo destino não foi possível apurar. Tem paredes de 96 cm, construídas em *opus caementitium* de mistura de cal muito forte e pequenas pedras, internamente revestidas de *opus signinum* fino e compacto, incluindo a meia cana do fundo, e das juntas laterais e o rebordo de topo. O rebordo tem forma semi arredondada e liga-se com a parede por uma capa forte de *opus signinum*. O fundo é revestido por um cimento feito de fragmentos de mármore grosseiramente triturados misturados com cal

Externamente, nos ângulos, encontram-se fiadas de *tegulae* a revestir as paredes. Não foi possível confirmar se assim acontecia ao longo das paredes; todavia, o carácter pouco cuidado do exterior das paredes parece confirmar um revestimento com uma parede de *tegulae*, de cerca de 1 metro. O acesso ao fundo era feito por uma escada situada no canto SE, feita por degraus de tijolo revestidos de *opus signinum*.⁶

O tanque/reservatório conectava-se com os pequenos tanques através de canos de chumbo, como se verifica naquele observado a meio da parede do tanque intacto e, ainda, por canos

de telha como também se observou no fundo, no canto NE, do mesmo tanque. Não foi possível dimensionar espacial e arquitetonicamente o projecto de monumentalização que enquadraria a construção deste conjunto associado à água, nem definir com certeza o impacto que a sua construção causou nas estruturas anteriormente existentes no local.

Se a proposta de dimensões do templo da Idade do Ferro estiver correcta, o tanque/reservatório alinha a sua frontaria com a deste edifício e os dois pequenos tanques, que se desenvolvem na fachada, assumem uma vinculada intenção de criar uma frente monumental, onde deveria estar uma fonte, como sugere a parte já desenterrada.

A fonte, associada aos pequenos tanques, prolongaria o cenário decorativo da frente do templo, na qual estavam colocadas estátuas, conforme indica a escavação de um pedestal de estátua e de outros elementos de organização da fachada, datados de época romana republicana, as quais vincam claramente a intenção de transformar o espaço sagrado antigo num espaço de grande monumentalidade, onde a presença da água assume destacado protagonismo. A parede E80 (Figura 2), que fecharia o recinto do lado sudoeste, serve de indicador às dimensões do *forum* neste momento, o qual estaria terminado quando César sai vitorioso da guerra que travou na Hispânia contra os partidários de Pompeu (49-45 a. C.).

César, por certo em razão da importância dos benefícios que concedeu a *Pax Iulia*, viria a ser homenageado pelos pacenses, provavelmente no *forum*, com o levantamento de uma estátua monumental a que poderia pertencer a cabeça que recentemente se identificou.⁷ (Figura 3)

6 Abel Viana, que foi quem acompanhou em 1943 a instalação de um reservatório de abastecimento de água à cidade nunca revelou ter visto esta estrutura que, todavia, foi bastante danificada pelas fundações desse reservatório, mas descreve alguns achados de *tegulae* que se pode admitir tomarem parte deste eventual revestimento externo. Um nicho, delimitado por *tegulae*, no topo NO do grande tanque poderia corresponder a algum programa decorativo que esse revestimento comportaria.

7 LOPES, M. Conceição (2018): “O busto de Júlio César de *Pax Iulia*. Percursos e debates em torno da fundação de *Pax Iulia*”, *Arqueologia Medieval* 14: 16-24.

A clarificação da importância de Beja ao tempo de César convocou à leitura de achados anteriores. Desde logo à muralha escavada na Praça de Armas do Castelo, cujo *terminus ante quem* conferido aos materiais a situou no início do último quartel do séc. I a.C., mas que, face a este novo contexto de vida da cidade, se ajustaria bem neste contexto.

O conjunto de antiguidades romanas provenientes da muralha de Beja, que se demolia para edificação do palácio das repartições públicas que em 1909 e que deu entrada no então designado Museu Municipal de Beja, mereceu particular atenção.

De entre os fragmentos de capitéis, frisos e fustes de coluna se destacava-se uma cabeça de estátua de mármore, proveniente do 2.º baluarte da 2.ª ordem de muralhas, metido na vedação do convento Esperança.

Leite de Vasconcelos, em o Archeologo Portuguez de 1900, informava que teve conhecimento desta peça por carta e desenhos do conservador do Museu Municipal de Beja, Joaquim de Vargas. Tendo consultado Salomon Reinach, à época o reputado especialista de estatuária greco-romana, transcreveu a informação de que o busto pertence ao final do século I. d. C., referindo, também, que retratos destes são sempre bons para publicar, porque são excelentes exemplos da escultura imperial. Em 1903, após deslocação a Beja, Leite de Vasconcelos observa a peça e descreve-a como *retrato que apresenta no lado direito do osso frontal uma cicatriz feita com instrumento cortante (provavelmente espada). (...) a orelha esquerda quase toda esmurrada (só lhe resta a hélice).*

A orelha direita está esmurrada em cima. A parte anterior do crânio glabra; só a parte posterior (occi-

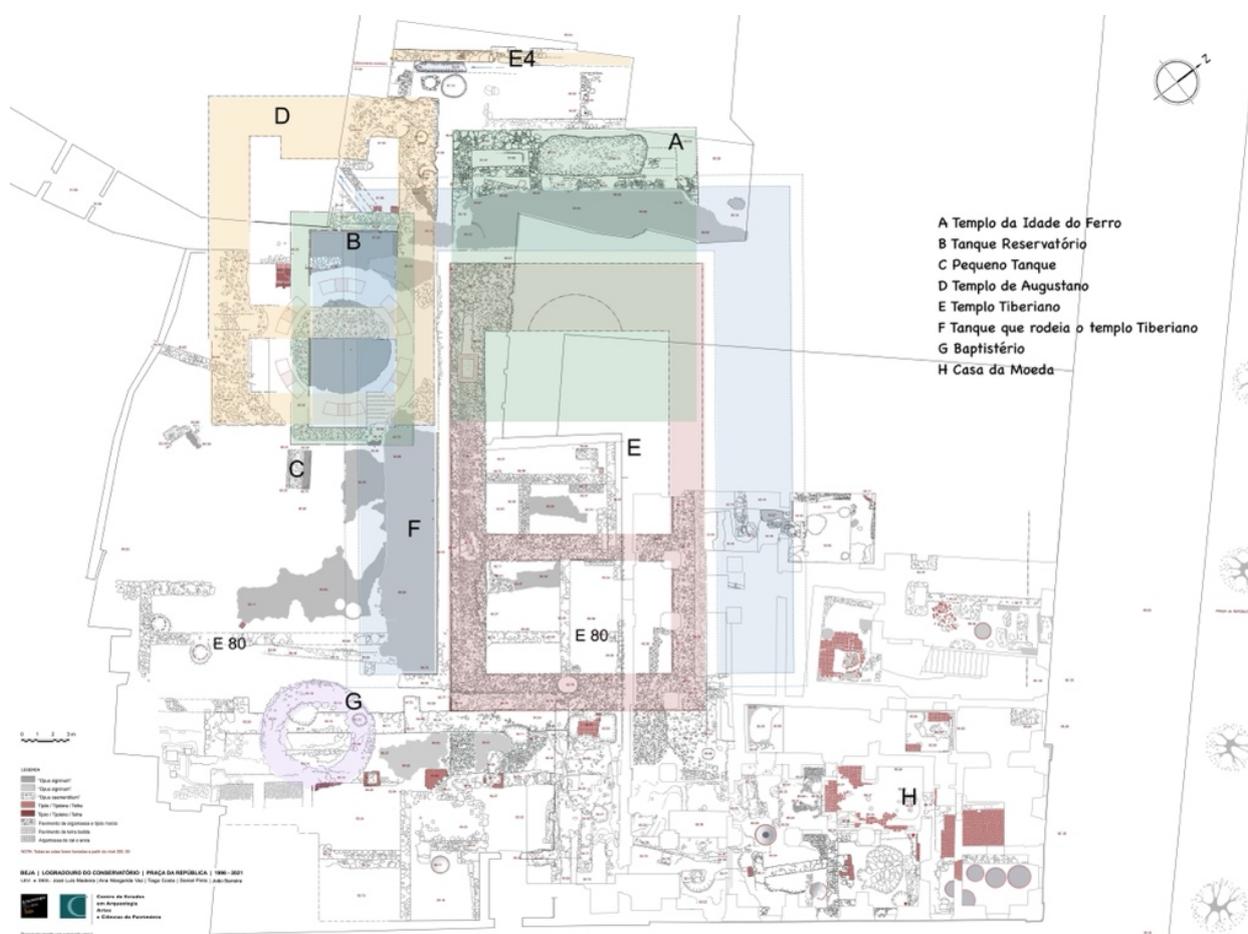


Figura 2. Planta da área escavada no fórum romano.

put e parte dos parietales) tem cabelo, que rodeia as orelhas. Lábio inferior esmurrado [Figura 3]⁸.

A importância desta peça, entretanto exposta no Museu Rainha D. Leonor, primeiro num destacado pedestal numa das alas do claustro e, posteriormente, encaixada num nicho num vão lateral da mesma ala do claustro, mereceu o interesse de vários investigadores, como revela a extensa bibliografia que a ela se refere.

A cabeça de um homem de cerca de 50 anos, de boca bem desenhada, mas ligeiramente descaída à direita, olhos contornados por pálpebras superiores bem definidas, testa alta marcada por duas cicatrizes no lado direito, rosto vincado com duas profundas rugas no lado esquerdo, e rugas nasolabiais assimétricas, com a da direita a nascer mais alto e a da esquerda a abrir mais para o rosto, tem sido considerado um retrato privado de alguém importante, datado do final da República (algures no final do 3.º quartel do século I. a. C.) ou início do reinado de Augusto.

Vasco de Sousa, em 1990 (SOUSA, 1990), expressa que o *acalmar e a simetria das formas remetem para o classicismo do tempo de Augusto,*

ainda que, na sua concepção, esta cabeça faça recordar os retratos de Júlio César. A anotação de Vasco de Sousa de que o busto recordava Cesar não teve particular impacto. Tem prevalecido a ideia de um *retrato masculino de um personagem desconhecido, calvo e de idade madura cujo peculiar realismo cesariano, matizado por factores imperiais augústeos,* (TRINIDAD NOGALES, 1997).

As hesitações em reconhecer César neste retrato devem-se, certamente, ao facto de até há muito pouco tempo se não vislumbrar outra possibilidade que não fosse a da fundação *ex-nihilo* de *Pax Iulia* em tempo do imperador Augusto (por volta de 31/27 a. C). Um busto de César neste contexto não encontrava explicação. Ao mesmo tempo, o único retrato sem reserva identificado com o Ditador, por comparação com os traços físicos dos retratos das moedas, foi aquele encontrado em *Tusculum* (Castillo de Aglie), em 1804, hoje guardado no museu de Turim.

Em 2017 foi possível retirar o busto do nicho onde estava colocado. Essa circunstância permitiu observar a cabeça na totalidade e conferir que *o homem de meia-idade calvo ou de cabelo escasso*

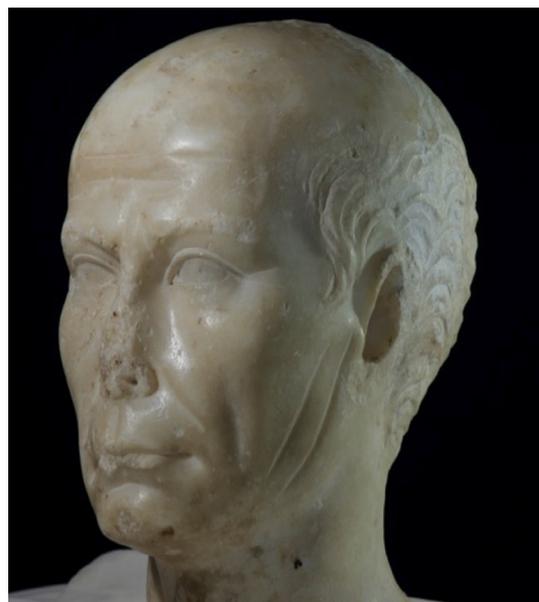


Figura 3. Busto de César exposto na ala do claustro, em 1950, no Museu Regional Rainha D. Leonor, Beja e em 2019, no mesmo museu.

8 Leite de Vasconcelos, O Archeologo Portuguez; Vol VII, 1902, n.º 10 e 11, p. 243.

possuía, afinal, uma curta e cuidada cabeleira de ondas bem desenhadas e, também, atestar a ligeira assimetria na elaboração da face, salientada pela boca descaída na direita e pela dissemelhança das rugas nasolabiais.

Uma análise comparativa das características fisionómicas, estilísticas e tipológicas do busto de *Pax Iulia* e do de *Tusculum* revela evidentes similitudes das duas representações.⁹

O desenho das rugas, as covas do rosto, o formato dos lábios, em que se destacam as covas nos cantos da boca fina e larga, as rugas profundas e assimétricas do sulco nasolabial, as rugas da testa, a posição de olhos, as sobrancelhas arqueadas, as rugas em pata de galinha, o queixo e maçã de Adão salientes, o penteado e o tratamento do cabelo sobre a orelha, revelam manifestas semelhanças entre o busto de Beja e o de *Tusculum*. É certo que o de *Tusculum* apresenta um rosto um pouco mais alongado e recto que

o de Beja, facto que terá levado a que o retrato lusitano, cuja expressão do realismo republicano, rosto marcado pela idade e pela experiência de vida muitas vezes após um longo tempo de serviço das legiões [GONÇALVES, 2007], nunca tenha sido formalmente atribuído a César.

O busto da colónia lusitana não é exactamente igual ao protótipo definido pelo busto de *Tusculum*, mas são bastantes as características que os filiam num mesmo tipo iconográfico.

Em 2007, no rio Ródano, junto à cidade de *Arelate* (Arles), foi recolhido um busto que foi anunciado de forma estrondosa como a mais antiga representação conhecida de Julio César e o único busto conhecido de César em vida, dado que o de Turim teria sido realizado imediatamente antes ou logo após a morte¹⁰.

A discussão em torno da identificação do busto saído do Ródano com César colocou questões pertinentes e salientou que o facto de não haver

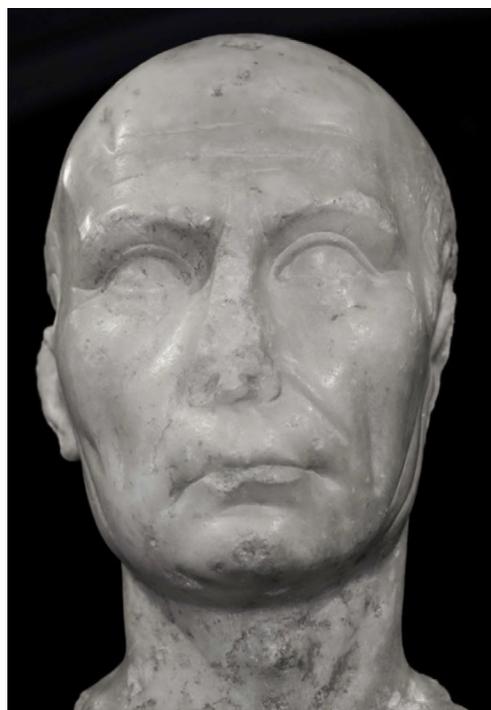
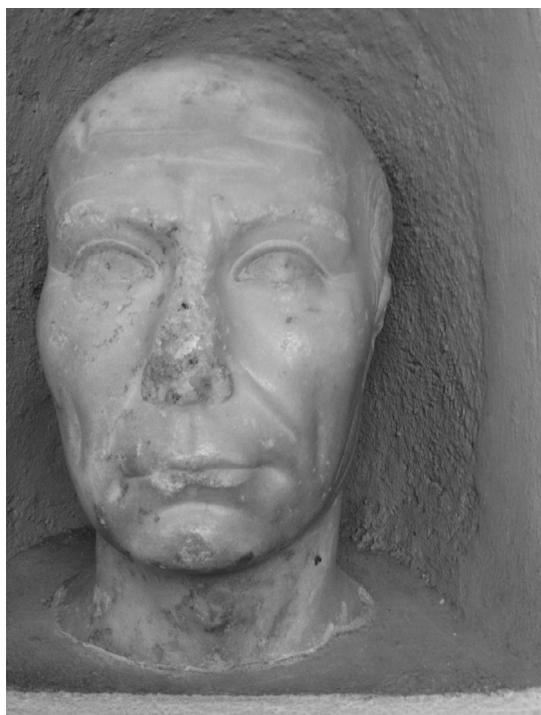


Figura 4. Busto encaixado num nicho: Museu Regional Rainha D. Leonor, 2015 @MCL.

- 9 A análise iconográfica comparada com os exemplos do tipo Pisa/Chiaramonti não fornece espessura relevante de elementos coincidentes, desde logo, porque o busto de Beja não tem a franja frontal que caracteriza esse tipo.
- 10 Hoje, face a tantas críticas e outros tantos estudos, a dúvida de identificação é evidente, como se deduz da legenda que acompanha a sua exposição no Museu de Arles.

nenhum retrato oficial de César (certamente em razão da ausência de organização para difundir a sua imagem com cânones bem definidos e estandardizados), não pode ser razão para se prescindir dos caracteres de filiação no tipo *Tusculum* para identificar ou descartar a identificação do Ditador.

Como observa Flemming Johansen, especialista dinamarquês em retratos de César, não há nenhum retrato oficial de César, pelo que as diferenças que se observam nas distintas representações de César se tornam aceitáveis, sobretudo, porque sendo feitas por artistas locais a partir de descrições, se podem tornar muito diversas.

O retrato de Beja, pelo desenho mais arredondado do rosto que o de *Tusculum*, poderia pretender-se ser mais próximo do busto gaulês, porém, pelo tratamento das rugas, sobretudo pelo tratamento assimétrico das rugas das abas do nariz, do desenho da boca, revela decisiva afinidade com o de Turim.

A observação completa da cabeça revela o primoroso tratamento do cabelo e conforma-o com a descrição que Suetónio faz de César: homem alto, claro, rosto um pouco cheio, olhos escuros e muito vivos e calvo, que para disfarçar a calvície puxava para a testa os poucos cabelos que ainda tinha.

Na descrição de Suetónio se enquadra melhor o retrato de Beja do que o retrato de *Tusculum*. Dessa constatação já havia Margarida Maria Almeida de Campos Rodrigues dado notícia. Apontando as semelhanças entre as cabeças do Museu de Beja e a do Museu de Turim, a autora salientou ser no formato da face que reside a maior diferença entre os dois bustos, embora considere que o de Beja se assemelha mais à descrição que Suetónio fez de César que o de *Tusculum* [RODRIGUES; 1999, 36-37].

A arqueologia, ao revelar um contexto importante de época republicana, promoveu a reanálise de dados que permaneciam em museus e na bibliografia com identificação indecisa. A reavaliação do busto de Beja, segundo a metodologia de análise comparativa das características fisiológicas, estilísticas e tipológicas, revelou gran-

des proximidades com o protótipo de *Tusculum*, ainda que a datação do de Beja possa ser mais tardia do que o de Turim.

Um detalhe importante revela-se na parte posterior inferior e lateral da cabeça; reconhecem-se aí pequenas convexidades que acompanham o cabelo e parecem servir para ajustar uma coroa. (Figura 5)

Os trabalhos recentes, infelizmente travados pela gestão autárquica que em 2016 tomou os destinos da política municipal, mostraram que *Pax Iulia* ganha contexto urbanístico relevante e até agora desconhecido, um pouco antes da metade do século I. a .C., no qual o enquadramento da cabeça de César, em mármore importado, ganha contexto. As dimensões indicam que a cabeça pertenceria a uma estátua monumental, a qual poderia estar colocada no fórum da cidade. A escavação de parte de uma estrutura identificada como pedestal de estátua monumental, em frente ao antigo templo que em época republicana se terá ressignificado, parece ajustar a possibilidade de ter sido aí que foi colocada a estátua.

A reforma urbanística que terá continuidade ao tempo de Augusto, conforme se regista numa inscrição datada entre 1 de Julho de 3 e 30 de Junho de 2 a. C., na qual se relatava que o Imperador César Augusto dotou a cidade de *Pax Iulia* de muralhas, torres e portas [FE, 29, 1988, n.º 131], implicou alterações significativas no contexto sagrado, mas onde o templo se manteve, em situação paralela a um outro que se construiu.

Com Augusto no poder, o *forum* ganhou maior dimensão. O novo templo, com a mesma orientação SE/NO do ancestral templo dos pacenses, apresenta *cella* tripartida e mede 20,3 m de comprimento e 13,9 m de largura. Dele se conservam as fundações em 3,75 m de altura e a data de início da construção situa-se entre 25/15 a C. ocupará o topo noroeste da praça e uma basílica tomará o lado sudeste.

A perfeita articulação com o ancestral templo dos pacenses implicou a desfuncionalização dos tanques e da fonte, aspecto que sublinha o carác-



Figura 5. Particulares detalhes na cabeleira do busto.

ter sacro desta estrutura (dado que se compreende mal que uma estrutura construída para abastecimento de água à cidade fosse desmantelada passados poucos anos da sua construção).

Da estátua que se manteve em frente ao templo antigo não temos, infelizmente, nenhuma inscrição. Porém, analisado na totalidade e somados os argumentos, alguns deles tomados aos especialistas que, entretanto, têm sugerido a possibilidade de identificação do busto de Beja com César, surgem fartos os elementos que o filiam no protótipo de Tusculum, mesmo sem qualquer texto identificativo, concedendo *que o retra-*

to privado de um homem que transmite forte personalidade, esculpido com um realismo bem próprio das expressões republicanas, seja identificado com Júlio César.

Se é verdade que o contexto histórico não é critério para identificar um personagem, o certo é que, neste tempo, ninguém mais, além de Júlio César, se apresenta como suscetível de ter sido representado numa estátua monumental, nem mesmo nos tempos de Augusto, cujo conservadorismo em termos de construção anterior se traduz pela manutenção do recinto sagrado antigo.

A morte de Augusto, em 14 d. C., determinará a necessidade de reformular totalmente o *fórum*, para o dotar de um templo dimensionado ao culto do imperador e à plena satisfação das necessidades litúrgicas que o culto imperial demandava.

Esse projecto de transformação da área sacra do *fórum* de *Pax Iulia* iniciou-se logo nos primeiros anos do reinado de Tibério (14-37). Compreendeu um programa de monumentalização que implicou o descarte e aterro, com uma camada de terra com cerca de 1 metro de espessura, de todos os edifícios anteriores e o lançamento da construção de um recinto forense mais amplo, com a dignidade necessária para acolher o templo de culto ao imperador e outros edifícios necessários ao funcionamento político e administrativo da colónia e capital de *conventus*.¹¹

Conhecemos este empreendimento transformador apenas pelos dados arqueológicos, dos quais a componente mais visível é o templo e seus contextos estratigráficos e os materiais que com ele se relacionam, tais como o capitel monumental composto guardado no museu, as paredes e a coluna existentes na cave do restaurante “Os Infantes” e outros elementos avulso.

O templo hexastilo pseudo períptero de estilo coríntio estava orientado SE/NO, tal como os antigos edifícios e foi construído com a mesma

11 LOPES, M. Conceição (2021), “Pax Iulia,” In Trinidad Nogales Basarrate (edit) *Ciudades Romanas de Hispania Cities of Roman Hispania (Hispania Antigua, Serie Arqueológica, 13)*. Museo Nacional de Arte Romano, p. 153-166.

técnica e aparelho construtivo que foram usados no templo augustano (paredes de 2,5 metros construídas por pedra miúda e rolada muito bem englobada por argamassa forte, levantadas com recurso a cofragem). Media 32,40 m de comprimento e 16,20 m de largura (dimensões que o aproximam daquele que, na mesma altura, se construíra na capital da província, *Emerita Augusta*) e era contornado em três lados por um tanque revestido de *opus signinum*, com 4 m de largura nas traseiras, 4,75 m nos lados e cerca de 0,90 m de profundidade. A parede externa de remate deste tanque, certamente relacionado com a liturgia do culto imperial, media de 0,80 m e poderia suportar um conjunto escultórico, que incluiria a família imperial, de que se conhecem algumas esculturas.¹²

Integra a tipologia dos templos do tipo *Templa Rostrata*, o que terá obrigado a uma solução de acesso distinta de uma escadaria frontal, dado que esse espaço estaria ocupado com a plataforma e respectiva cenografia.

Tibério, que de acordo com Suetónio (Tibério, XXVI), “*não quis nem templos, nem flaminatos, nem sacerdócios. Proibiu que lhe erigissem estátuas e que lhe expusessem o retrato sem autorização sua, e, quando veio a consentir nisso, foi com a condição de figurar não entre as imagens dos deuses, mas apenas como ornamentação dos edifícios*”, promoveu de forma muito diligente o culto dinástico e encontrou nas elites

Testemunho do desenvolvimento desde muito cedo do culto dinástico é-nos dado pela epigrafia.¹³ Inscrições referidas na presente obra dão conta dessa prática e atestam o empenho das elites locais na promoção da cidade, vinculando-se de modo expresso com Roma.

Tomem-se como exemplo aquela inscrição que outrora foi tomada como duvidosa e que se refere a *Marcus Aurelius* que foi flâmine especializado no culto a Tibério, entre outros cargos que exerceu na

cidade, e aquela outra, monumental, que nomeia *Caius Iulius Pedo*, (IRCP, 239), como *duúnviro, flâmine* dos divinos (imperadores) e, ainda, como benemérito por ter administrado bem a república e ter auxiliado com dinheiro o aprovisionamento de viveres a *Pax Iulia*, a capital do *conventus Pacensis*.

A homenagem que a cidade faz a Lúcio Vero, filho adoptivo do imperador Antonino Pio, em meados do século II, (IRCP 291), parece perfilar politicamente o momento de pujança da *civitas* de *Pax Iulia*, um século depois de Tibério.

Não se tendo encontrados na cidade, até ao presente, dados que nos atestem essa vitalidade é nas *villae* que exploraram o vasto território que a cidade administrava que encontramos os indicadores que nos permitem averiguar a dinâmica desse tempo e da dos séculos seguintes.

As *villae*, cuja instalação começa logo nos primeiros anos do reinado de Augusto, de que C. Cosconius será um dos protagonistas iniciais (Ficheiro Epigráfico, n° 259 = ALFENIM, 1997, n° 259), apresentam no século II uma dinâmica muito expressiva, empreendendo muitas delas programas de ampliação, aparentemente em razão de se ter alcançado o funcionamento pleno das infraestruturas de produção e distribuição que animam o espaço agro-pastoril da *civitas*.

A construção de uma ampla rede de vias, decalcada em grande parte de percursos antigos, potenciam a cidade, em razão da sua posição central, como território privilegiado de produção e abastecimento em cereais e outros produtos agropastoris às indústrias de salga e conserva de peixe instaladas no litoral.

O dinamismo das *villae* no século IV, como ocorre em São Cucufate, matriz para o estudo das *villae* da região, poderá indiciar uma perda de protagonismo do aglomerado urbano. Contudo, nenhum indicador de natureza arqueológica nos oferece essa visão.

12 O conjunto de escultura de Pax Iulia encontra-se em fase de publicação, por M. Conceição Lopes.

13 Veja-se IRCP = ENCARNAÇÃO, José d' (1984): *Inscrições romanas do conventus Pacensis*. Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras.

Seria ainda uma cidade empoderada e forte aquela que, em 531 recebeu o bispo Apríngio de quem Isidoro de Sevilha disse ser “escritor eloquente de grande erudição científica”, e de onde, com coragem e frontalidade, faz uma crítica à Hispânia visigoda ariana, da metade do século VI.

O baptistério, construído em frente ao templo do culto imperial, testemunha-nos que o principal espaço sagrado da cidade se mantém activo e que a força do bispo aí atuante o assume como espaço do líder que comanda a política da cidade e seu território. A instalação das estruturas eclesiásticas neste local, de que se escavaram algumas paredes, no complexo da casa da moeda, no interior do edifício municipal, atestam o quão conservado ainda se mantinha o espaço no início do período tardo antigo.

Em período islâmico, a mesquita, pelo menos a grande mesquita da capital da Kura, instalou-se em outro local, junto à Igreja de Santa Maria.

Dela, ou pelo menos de uma das mesquitas da cidade de Beja, ainda há testemunho em 1497, na “Carta de sentença régia a Valentim Gonçalves, escudeiro da Casa Real, e juiz de fora em Beja, sobre um feito em que eram autores [...] Rodrigues, escudeiro da Casa Real, e Catarina Rodrigues, sua mulher, contra Teresa Rodrigues, viúva, todos moradores em Beja, em virtude de uma querela sobre a posse da antiga mesquita e casas a ela foreiras em Beja”.¹⁴

Quando a cidade se começou a erguer das ruínas em que tinha ficado no fim das guerras entre islâmicos e cristãos, e o novo poder marca o território com igrejas, os velhos edifícios do *forum* romano são desmantelados e a pedra usada nas construções dos novos marcadores desse poder.

Foi assim, com os materiais das velhas estruturas romanas, que se levantaram as igrejas de Santa

Maria, primeiro, e as casas que no lado nordeste da Praça se construíram quando D. Manuel promoveu a construção de uma praça mesmo ao lado do antigo *forum* romano. O espaço dos templos foi aos poucos acomodando habitações, como aquelas que serviram os moedeiros da casa da moeda, no primeiro quarto do século XVI.

De *Pax Iulia* restam hoje ruínas, testemunhos da importância que se manteve reconhecida em todos os tempos de construção da cidade de Beja¹⁵. Não se observam tantas ruínas quantas as que Perez Bayer, terá visto aquando da sua estância em Beja, nos dias 1 a 7 de Novembro de 1782, em visita a Frei Manuel do Cenáculo, e que teve oportunidade de apreciar, na companhia de Felix Caetano da Silva.¹⁶ Sobre elas diz o seguinte: *La principal de todas [las inscripciones que se consevaban em Beja] y que mas honor hace à dita Ciudad está en la Plaza mayor en las casas del Ayuntamiento pared que mira al Medio dia. Sobre la inscripción hai una cabeza de buei De estas cabezas hai varias en alguns parages de la Ciudad: En la Torre de santa Maria: Dos detrás de La Iglesia de S. Juan y una en la calle que llaman del Toro, en que se vê parte del cuello y los brazos, ... y en outrso sítios. Yo aponté hasta seis.*

Colocámos à vista as ruínas de que pelos anos 90 do século XX pouco se sabia; ruínas que o tempo dos políticos com e sem interesse pela herança cultural administram e algum pretendem feirizar, ignorando o quanto é importante nelas reconhecer como documentos para construir a história da cidade de Beja. E validámos a escultura, trazendo César para a praça e os touros para as portas da cidade. A todos estes materiais, em outro local, dedicaremos o espaço que merecem no estudo da fábrica urbana de Beja.

14 *Juízo dos Órfãos de Almodôvar*, Livro 1 [post. 1497, Maio, 29]. Documento referido em PINTO, Pedro, (2014), “Fragmentos de Pergaminhos da Torre do Tombo, um inventário possível (1315-1683)”, *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 14, p. 59.

15 LOPES, M. Conceição, (2021), “Pax Iulia”, in Trinidad Nogales Basarrate (edit.) *Ciudades Romanas de Hispania Cities of Roman Hispania (Hispania Antigua, Serie Arqueológica, 13)*. Museo Nacional de Arte Romano, p. 153-166.

16 “Viagem de Pérez Bayer em Portugal, em 1782”. In *O Archeologo Portugues*, Volume XXIV 1919-1920, Lisboa, p. 108-176

Bibliografia

- JONANSEN, F. S. (1967) «Antichi ritratti di C. Giulio Cesare nella scultura», *Analecta Romana Instituti Danici* 4, pl. 16. Copenhagen.
- (1987) «Portraits in Marble of Gaius Julius Caesar: a Review». *Ancient Portraits in the J. Paul Getty Museum*, Vol. I., p. 24, 27-28.
- LOPES, M. C. (2003) *A cidade Romana de Beja. Percursos e debates acerca da civitas de Pax Iulia*. 2 vols. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- (2003) «A cidade romana de Beja: percursos e debates acerca da “civitas” de Pax Iulia», *Conimbriga, Anexos*, Vol. 3. Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- (2010) «O recinto forense de Pax Iulia (Beja)». In T. Nogales Basarrate (ed.), *Ciudad y Foro en Lusitania Romana. Cidade e Foro na Lusitânia Romana, 189-199*. Mérida: Junta de Extremadura (*Studia Lusitana* 4).
- (2018) “O busto e Júlio César de Pax Iulia. Percursos e debates em torno da fundação de Pax Iulia”, *Arqueologia Medieval*, 14: 16-24.
- (2021) “Pax Iulia”, in Trinidad Nogales Basarrate (edit) *Ciudades Romanas de Hispania Cities of Roman Hispania (Hispania Antigua, Serie Arqueológica, 13)* Museo Nacional de Arte Romano, p. 153-166.
- (2020) “Pax Iulia na véspera da Idade Média”, in PALMA, M. F. e LOPES, V. (eds.), *Actas do Encontro Internacional “O Território e a Gestão dos Recursos entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico”*, *Nakla, Colección de Arqueología y Patrimonio*, 24. Granada: 152-168. ISBN: 978- 84-122275-1-2.
- NOGALES BASARRATE, T. (1997) *El retrato privado en Augusta Emerita*, p. 37 (Colección Arte--arqueología), Diputación Provincial de Badajoz, Consejería de Cultura y Patrimonio de la Junta de Extremadura, 2 vols. Badajoz.
- (2002), «O retrato funerário na Lusitânia», in RIBEIRO, J. C. (ed.), *Religiões da Lusitânia, LOQUUNTUR SAXA*, p. 307. Lisboa.
- NOGALES BASARRATE, T.; GONÇALVES, L. J. (2004) «Imágenes Lusitaniae: La plástica oficial de Augusta Emerita y su reflejo em algunas ciudades lusitanas», in NOGALES BASARRATE, T.(ed.), *Augusta Emerita: Territórios, espácios, imágenes y gentes em Lusitania Romana*. Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. 2005. Madrid.
- RODRIGUES, M. M. A. C. (1999) *O retrato oficial romano no tempo da dinastia Júlio-Cláudia*, *História da Arte da Antiguidade. Mestrado de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa*. URL: https://www.academia.edu/2073514/O_RETRATO_OFICIAL_ROMANO_NO_TEMPO_DA_DINASTIA_JÚLIO--CLÁUDIA
- SOUSA, V. (1986) «Escultura Romana», in ALARCÃO, J. (ed.) *História da Arte em Portugal*, volume 1, p. 143, fig. p. 140. Lisboa, Alfa. (1990), *Corpus Signorum Imperii Romani – Corpus der Skulpturen der Römischen Welt – Portugal*, p. 10, 67, n.º 8. Coimbra.
- TOVAR, A. (1974) *Iberische Landeskunde. Zweiter Teil: Die Völker und die Städte des antiken Hispanien*. Band 1: Baetica, Baden-Baden.
- VASCONCELOS, J. L. (1902) «Antiguidades de Pax Iulia», in *O Archeologo Portugues*, Volume VII, n.º 10-11, p. 243. Lisboa, Imprensa Nacional.
- (1903) «Analecta archeologica», in *O Archeologo Portugues*, Volume VIII, n.º 7-9, p. 165. Lisboa, Imprensa Nacional.
- VIANA, A. (1947) «Restos de um templo romano em Beja», *Arq. Beja*, 4, p. 77.
- VIERNASEL, K., ZANKER, P. (1979) *Bildnisse des Augustus*, p. 83. Munich.
- ZANKER, P. (1976) «Zur Rezeption des hellenistischen Individualporträts», in P. Zanker, ed., *Hellenismus in Mittelitalien*, p. 590, fig. 1. Göttingen.